

Congressista quer aumentar segurança

2 SET 1985

Enquanto adotam providências para moralizar seus trabalhos, o Senado e a Câmara estudam uma forma para diminuir os riscos a que estariam expostos os parlamentares das duas Casas, devido à facilidade de acesso sobretudo às galerias destinadas ao público.

Estes riscos se exaceraram há 10 dias, quando cerca de mil vereadores, indignados com a indecisão dos deputados em votar um projeto reajustando os vencimentos dos representantes municipais, agitaram as galerias e ameaçaram agredir fisicamente os parlamentares.

Na votação do projeto de anistia, em 1979, o então líder do PMDB na Câmara, Freitas Nobre, foi surpreendido com um canivete cravado no braço direito de sua poltrona no plenário. O objeto havia sido atirado por um manifestante das galerias, que exigia uma anistia ampla geral e irrestrita, e não aquela proposta pelo Governo, por ele considerada insuficiente.

Para encontrar uma solução, os membros da Mesa diretora estão estudando os sistemas adotados em alguns países, como a Inglaterra, a Alemanha, a França, os Estados Unidos e o Canadá, que consideram os maiores exemplos de democracia no mundo.

Um projeto do deputado Leur Lomanto (PDS-BA), adapta a divisão do setor de galeria da Câmara dos Comuns, da Inglaterra, reservando uma parte para o público, e outra para o corpo diplomático, representantes da imprensa dos Estados, das entidades da sociedade civil, das federações sindicais, das igrejas, etc. Atualmente, todas as mil cadeiras da galeria da Câmara dos Deputados são destinadas ao público.

A Câmara ainda estuda as formas de acesso do público às dependências do Parlamento inglês, que é extremamente rigoroso, chegando a usar detectores contra armas. Mas este não é o caso do Congresso brasileiro.